

ALEXANDRA MOODY

*Querido*  
**RIVAL**



SECRET  
SOCIETY




# AVISOS DE CONTEÚDO

Negligência parental

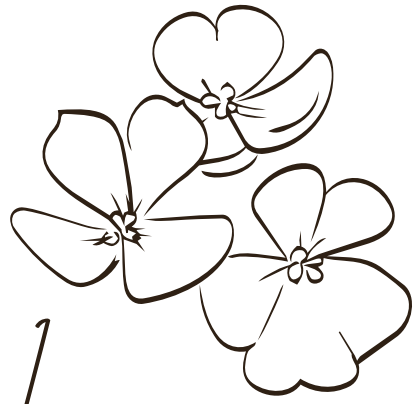
Stalking

Traição

Violência



*Para os meus queridos diabretes.  
Archie, Ava e Harry.*



# Capítulo 1



## VIOLET

**N**unca namores com um desportista. Era a única regra que eu tinha no que dizia respeito a rapazes, mas, aparentemente, era péssima a cumpri-la.

— O Jeremy vai matar-me — disse enquanto corria pelo parque de estacionamento com a minha prima Mia ao meu lado. Era o primeiro jogo de hóquei da época do meu namorado, e estávamos vinte minutos atrasadas. Olhei para o relógio e praguejei baixinho. Bem, *trinta* minutos.

Tínhamos estado atarefadas com clientes no café a tarde inteira e foi difícil sair a tempo. Não ajudava que o meu carro demorasse uma eternidade a pegar. Pobre Betty, que ainda não se tinha adaptado bem à nossa mudança recente para Sunshine Hills, Minnesota. Desde que a minha mãe nos tinha deixado aqui no início das férias de verão, ela andava a protestar alto por causa da mudança repentina.

As birras dela só pioraram quando chegou o inverno e a neve se instalou, mas eu não podia realmente culpá-la, já que eu também estava a lutar contra o frio. Nenhuma de nós pertencia aqui. Devíamos estar a passear ao sol da Califórnia, e não presas neste inferno gelado, no meu último ano do secundário.

Como que para reforçar a ideia, o meu pé deslizou num pedaço de gelo, quase me fazendo cair para trás. Eu estava ainda mais desorientada do que a Betty, e começava a perguntar-me se a minha mãe me odiava. Sabia que ela tinha partido em busca do emprego dos seus sonhos na Europa, mas deixar-me com o meu tio no meio do nada, no Minnesota, durante o inverno, era simplesmente cruel.

— Ele não te vai matar — assegurou a Mia. — Está a meio de um jogo, e tenho a certeza de que há uma grande multidão. Ele vai só assumir que estás algures entre as massas dos seus adorados fãs.

— Talvez. — O Jeremy andava mesmo focado no hóquei ultimamente, por isso não conseguia imaginá-lo a procurar pela minha cara na multidão. Não quando tinha um jogo para ganhar. — Mas tenho a certeza de que uma das puck bunnies que o persegue constantemente pela escola lhe vai dizer que cheguei atrasada.

Havia muitas puck bunnies na prestigiada Preparatória Sunshine Hills, mas apenas uma me preocupava particularmente: a Heather. O Jeremy dizia que eram apenas amigos, mas eu tinha a sensação de que tinha arruinado completamente os planos dela de o prender e tornar-se a sua «esposa do hóquei» quando apareci no verão. Sabia que ela não hesitaria em informá-lo que eu tinha perdido a maior parte do jogo.

— Tenho a certeza de que ele não se vai importar. Sobretudo se ganhar. — A Mia continuava a tentar tranquilizar-me enquanto empurrava as pesadas portas do centro de hóquei. Mesmo depois de entrarmos no edifício, fiquei desapontada ao perceber que ainda estava fresco. Era, afinal, um rink de gelo, por isso não devia surpreender-me.

— É o primeiro jogo da época, e eu já perdi metade — argümentei. — Ele vai ficar desiludido. — Apressámo-nos pelo corredor, que estava deserto, porque toda a gente já ocupava os seus

lugares. Devia estar a ser um jogo emocionante porque eu conseguia ouvir a multidão a enlouquecer. — Estou a tentar ser uma namorada que o apoia.

— Hum, ele tem sorte por estares a namorar com ele, considerando que tens uma regra rígida de «nunca namorar com um desportista» desde o momento em que percebeste que os rapazes existiam.

— Já te disse que o Jeremy é uma exceção à regra. Ele não é nada como o meu pai... — A minha voz quebrou, porque o meu pai era a última coisa sobre a qual eu queria falar. Não que houvesse muito a dizer.

A minha mãe engravidou e depois foi abandonada por um famoso jogador de futebol universitário. Ela pensava que ele era o seu conto de fadas, mas, em vez disso, revelou-se o vilão daqueles contos de advertência que os pais contavam às filhas adolescentes para as assustar e fazê-las usar proteção. Cresci a ser ensinada a nunca confiar em rapazes com sorrisos irresistíveis e braços fortes e a fugir na direção oposta se a vida de um rapaz girasse à volta de um desporto.

Sempre tinha seguido os conselhos da minha mãe... até este verão.

O Jeremy podia ser uma estrela do hóquei na minha nova escola, mas eu nunca senti que ele fosse aquele típico atleta de cartão em quem não se podia confiar. Já tinha encontrado muitos assim ao longo dos anos, e ele era diferente.

Tínhamo-nos conhecido na biblioteca durante as férias. Eu tinha corrido para lá para me abrigar de uma chuvada repentina e encontrara-o a fazer voluntariado na secção infantil, a ler livros para miudinhos de olhos arregalados. Na altura, não percebera que ele era um atleta, ou nunca lhe teria dado uma oportunidade. Mas fôramos atraídos um para outro desde o início, e o universo continuara a pôr-nos no caminho um do outro durante o verão. Já me tinha apaixonado por ele de vez quando descobrira que ele era

o capitão da equipa de hóquei da Preparatória Sunshine, os Saints. Começar a namorar com ele podia ter-me levado a quebrar a minha própria regra, mas quem era eu para contrariar o destino?

— Quero dizer, espero mesmo que ele não seja nada como o teu pai. — Como sempre, a Mia não parecia convencida. Ela era louca por hóquei, por isso pensar-se-ia que seria a maior fã do Jeremy. Mas ela andava a avisar-me para ter cuidado desde que descobrira que estávamos a namorar.

— Não é — insisti. — O Jeremy é simpático, querido e atencioso. Sabes que eu não estaria com ele se não fosse.

— Simpático, querido e atencioso não são os adjetivos que eu usaria para descrever o Jeremy Hoffman. Tens a certeza de que não quebraste a tua regra de «não namorar com desportistas» só para chatear a tua mãe por te ter deixado aqui?

— Sim, tenho a certeza.

— Porque sabes que eu não te julgaria se fosse essa a razão...

— Não é por isso que estou com ele.

— Tens a certeza? Porque ele consegue ser *mesmo* desportista.

— Ele não é assim tão mau.

A Mia parou e virou-se para mim.

— Vi, toda a gente na escola acha que ele anda sobre a água. Caramba, *ele próprio* acha que anda sobre a água.

Pois, a opinião da minha prima sobre o Jeremy realmente não era boa.

Conseguia perceber, no entanto, que só estava a tentar proteger-me. Ela sabia porque eu tinha passado tantos anos a evitar atletas a todo o custo.

— Tecnicamente, ele até meio que anda sobre a água — disse eu. — Só que está um pouco congelada...

A Mia revirou os olhos, mas acaba por se rir.

— Estou só a dizer que talvez não o conheças assim tão bem. Só começaram a namorar este verão.

A Mia tinha razão, mas tínhamos partilhado uns meses incríveis juntos, e conhecer o Jeremy tinha, na verdade, feito com que a minha mudança forçada para o outro lado do país parecesse valer a pena.

Não é como se eu estivesse completamente alheia ao que a minha prima estava a insinuar. Tinha certamente visto um lado diferente dele desde que a escola começara, especialmente quando estávamos em público. Como capitão da equipa de hóquei, ele tinha tanta gente a contar com ele e a admirá-lo. Eu não conseguia imaginar como seria viver com o peso das expectativas de toda uma cidade nos ombros. Mas o Jeremy era um bom rapaz. A Mia só precisava de mais um pouco de tempo para também ver isso.

— Bem, não vamos namorar coisa nenhuma se eu chegar ainda mais atrasada ao jogo dele. Anda lá. — Agarrei a mão da Mia e puxei-a em direção ao rink. Quando finalmente avistámos o gelo, um barulhento grito percorreu a multidão. Estremeci, e não só porque estava a começar a pensar que afinal até podia estar mais quente lá *fora*. Eu não era fã de hóquei.

Só tinha ido a um jogo antes, há anos, mas não demorei muito a perceber que aquele desporto não era para mim. Não conseguia entender porque é que alguém se voluntariaria para literalmente jogar num frigorífico. Nunca conseguia acompanhar o disco a voar pelo gelo, e o próprio jogo era tão violento. Tanto os jogadores como os adeptos pareciam ficar mais entusiasmados com uma colisão brutal ou uma luta do que com um golo. Além disso, já mencionei o frio?

— Sinto falta do sol.

A Mia riu-se e entrelaçou o braço no meu.

— Ainda vamos fazer de ti uma fã de hóquei.

— Duvido — resmunguei, mas a Mia provavelmente não me ouviu por cima do barulho da multidão. A excitação na arena era



elétrica, e eu tinha a certeza de que o Jeremy estava a adorar o ambiente intenso.

A Mia puxou-me para as bancadas, sorrindo largamente a um par de rapazes que tinham arrancado as camisolas e pintado o número vinte e três no peito. Ela piscou o olho a um deles enquanto passava, e os dois rapazes cotovelaram-se enquanto aceonavam de volta.

— Vieste para o jogo ou para lavar a vista? — perguntei.

— Não pode ser pelos dois?

Havia um brilho travesso nos olhos da minha prima, e ela enfiou a única mecha de cabelo cor-de-rosa atrás da orelha enquanto olhava para os rapazes sem camisola. A Mia podia ser mesmo provocante e nunca tinha o mínimo de medo de falar com rapazes. Quem me dera ter metade da confiança dela. Certamente nunca teria falado com o Jeremy se não tivesse sido ele a tomar a iniciativa.

— És terrível — disse-lhe.

— Eu sei — respondeu ela, com uma risada. O som era despreocupado e contagiante, e surpreendeu-me que as pessoas frequentemente comentassem que tínhamos gargalhadas semelhantes. Parecia que tudo o resto em nós era diferente. Em especial a aparência. Enquanto eu tinha o mesmo cabelo ruivo escuro e pele pálida da minha mãe, a Mia era bronzeada e loira como a dela. Só tinha visto a minha tia em fotografias na casa do meu tio Luke. Nunca tive a oportunidade de a conhecer, porque faleceu quando a Mia e eu éramos bebés. Suponho que essa fosse mais uma coisa que tínhamos em comum — ambas crescemos apenas com um dos progenitores.

Quando finalmente encontrámos alguns lugares livres, voltei a atenção para o jogo e procurei o Jeremy. Os jogadores atravessavam o gelo tão depressa, com grande parte do rosto coberto pelo capacete, que era quase impossível distingui-los. As cores da Preparatória Sunshine eram o branco e o dourado, por isso

fiquei confusa ao ver que uma equipa estava de preto e a outra de vermelho. Nunca tinha ido a um jogo dos Saints antes, por isso imaginei que talvez a equipa do Jeremy estivesse a jogar com o equipamento alternativo.

Fui arrancada dos meus pensamentos quando dois jogadores colidiram com um estrondo, fazendo a multidão enlouquecer. Um dos jogadores voou, mas o outro manteve-se de pé. Vestia o número vinte e três, e olhei de novo para os fãs sem camisola, que estavam delirantes de entusiasmo. Claramente, este era o jogador favorito deles, e não demorou muito até perceber porquê.

Com o adversário estendido aos seus pés, o número vinte e três saiu disparado. Deslizava pelo gelo com uma facilidade incrível, esquivando-se dos jogadores rivais como se nem estivessem lá. Eu sabia que ele estava a patinar a um ritmo de cortar a respiração, mas quase parecia que tudo acontecia em câmara lenta e o rugido da multidão soava distante à minha volta. Mesmo eu, que odiava hóquei, tive de admitir que aquele rapaz era impressionante.

Como a confirmar a minha avaliação, o número vinte e três desviou-se de um último defesa e lançou o disco para lá do guarda-redes. A sirene atrás da baliza disparou, e os fãs à nossa volta gritaram. Não se cansavam daquele jogador. Até eu parecia incapaz de tirar os olhos dele.

— Hum, Violet?

— Sim? — O tom da Mia era suficientemente urgente para me obrigar a desviar os olhos do jogo e focar-me nela.

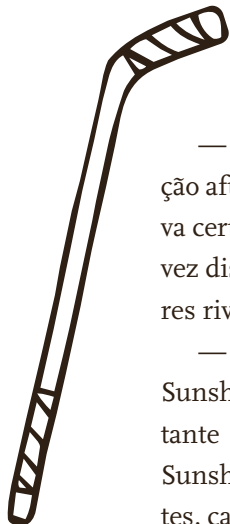
— A que horas disseste que começava o jogo do Jeremy?

— Às três. Porquê?

— Isso não pode estar certo.

— Do que estás a falar?

— Bem, odeio ter de te dizer isto, mas não estamos no jogo dos Saints. Este é um jogo dos Devils.



— O quê? — Olhei rapidamente para o placar, e o meu coração afundou-se quando li os nomes das duas equipas. A Mia estava certa. Não estávamos num jogo da Preparatória Sunshine. Em vez disso, tínhamos aparecido por engano para assistir aos maiores rivais deles, os Ransom Devils.

— Isto não pode estar certo — murmurei. Eu só vivia em Sunshine Hills há alguns meses, mas já tinha ouvido falar bastante sobre Ransom, a cidade do outro lado do rio. Enquanto Sunshine Hills estava cheia de mansões grandes e imponentes, campos de golfe e clubes de campo, Ransom era mais industrial e de classe trabalhadora. A Ransom High e a Preparatória Sunshine Hills eram igualmente contrastantes. A rivalidade entre elas era profunda e feroz, e embora afetasse praticamente tudo em que as duas escolas participassem, começava e terminava no hóquei.

— Tens a certeza de que o jogo começou às três? — perguntou a Mia.

— Hum, acho que sim.

— Então estamos no sítio errado?

Tirei o telemóvel para confirmar a mensagem que o Jeremy me tinha enviado na noite anterior com os detalhes. Estava meio adormecida quando a li pela primeira vez, mas tinha a certeza de que não me tinha enganado nem na hora nem no local.

Mas, no instante em que abri a mensagem, praguejei.

— O jogo dele foi à uma, Mia. Eu perdi-o... — E o Jeremy não me tinha enviado mensagem desde então, o que era definitivamente um mau sinal.

— Foi um erro inocente, Vi. Ele vai perceber.

Outro estrondo trouxe a nossa atenção de volta para o gelo quando o número vinte e três colidiu com um jogador contra as barreiras que circundavam o rinque e depois ficou por cima do infeliz adversário por alguns segundos, olhando-o

ameaçadoramente. Aquele rapaz parecia gostar mais de bater nos outros jogadores do que de realmente jogar.

No entanto, não teve muito tempo para se deliciar com a sua exibição agressiva, porque foi instantaneamente cercado por um grupo furioso de jogadores da equipa adversária.

Por sua vez, os seus colegas de equipa patinaram rapidamente em seu auxílio, e os árbitros começaram a assobiar freneticamente e a acenar com os braços a tentar parar a confusão que se seguia.

A Mia começou a abanar o rosto com a mão.

— Isto é sexy.

Empurrei-lhe o ombro com o meu.

— Claramente já viveste tempo demais no frio — disse.

— Estás a ficar maluca.

— O quê? — protestou ela. — Gosto de um bocadinho de violência.

— Hum, Mia, ainda estamos a falar de hóquei?

— Claro que sim! — Ela pousou a mão no peito num gesto de choque fingido e depois abanou-a em direção à multidão à nossa volta, que apenas gritava cada vez mais alto enquanto os árbitros tentavam acabar com a confusão no gelo. — E não sou só eu que gosto disso.

Tudo o que pude fazer foi suspirar. Eu estava mesmo perdida ali.

— Minha pobre Violet privada de hóquei — continuou a Mia —, quanto ainda tens para aprender sobre viver em Sunshine Hills. Está tudo bem, nós vamos lá chegar, eventualmente. — Ela passou um braço pelo meu ombro e voltou a concentrar-se no jogo. A briga tinha finalmente terminado, e o número vinte e três estava a sair do gelo.

— A propósito de sexy e agressivo — disse a Mia. — Aquele é um dos Darling Devils. Vai para o banco de penalização pelo golpe que iniciou a luta.

— Quem?

— Os Darling Devils. Sabes, os irmãos Darling. — Falava como se estivesse a dizer algo extremamente óbvio.

— E quem é que eles são, exatamente?

— Tu nunca ouviste falar deles?

— Não estaria a perguntar se tivesse.

— Bem... — A Mia prolongou a palavra, e eu percebi que ela estava mais do que feliz por explicar. — Os irmãos Darling são três dos melhores jogadores do estado. Jogam pelos Ransom Devils e são letais. — O tom de voz dela baixou ligeiramente enquanto continuava, mas os olhos mantinham o brilho de excitação. — E não estou a falar só de hóquei. Eles também têm uma reputação bastante má fora do gelo. As pessoas daqui têm muito a dizer sobre esses rapazes.

Franzi o sobrolho ao olhar para o jogador dos Devils que acabara de entrar para o banco de penalização. Consegui distinguir o nome «Darling» impresso nas costas da camisola.

— Aquele é o Reed Darling — disse a Mia, acenando na sua direção. — É o capitão dos Ransom Devils. Está destinado à NHL, mas dizem que é ainda mais jogador fora do gelo.

— Parece um tipo fantástico. — A minha voz estava carregada de sarcasmo.

— Claro, se o teu tipo for bad boys — continuou a Mia. — Ouvi dizer que ele teve de faltar à escola no ano passado porque o mandaram para o reformatório.

— Encantador — respondi. — Tenho a certeza de que a mãe dele está muito orgulhosa.

A Mia esboçou um sorriso enviesado.

— Bem, a mãe dele fez alguma coisa certa; ele é mesmo um ótimo espécime. — Havia um ligeiro sorriso nos lábios dela, e ela inclinava a cabeça suavemente enquanto olhava para o Reed. Apesar de a Mia claramente achar que aquele tipo era problemático, ela não conseguia desviar os olhos dele.

— Só porque um rapaz veste bem uma camisola de hóquei não significa que seja sexy — acrescentei.

A Mia soltou uma gargalhada chocada.

— Só estás a dizer isso porque ainda não viste a cara dele. E ele tem uma cicatriz no pescoço que ganhou numa luta num bar, o que só acrescenta ao seu charme rebelde e duro.

Honestamente, não achava que ver o rosto do Reed Darling me fizesse sentir diferente. Um tipo que jogava hóquei e se metia em lutas de bar? Eu nunca iria achar um rapaz desses atraente.

— Os irmãos dele são iguaizinhos — acrescentou a Mia. — Alguém me disse que eles bateram num miúdo numa festa no ano passado só porque ele olhou para o Reed da maneira errada.

— A sério?

— Estás a falar dos irmãos Darling, certo?

Virámo-nos para olhar para a rapariga sentada do outro lado da Mia, enquanto ela se inclinava na nossa direção. Claramente, tinha ouvido a nossa conversa e estava ansiosa por nos dar a sua opinião.

— Isso é só o começo do que aconteceu naquela festa. Ao que parece, depois de baterem no rapaz, um dos Devils ainda curtiu com a namorada dele.

Os olhos da Mia arregalaram-se antes de se virar de novo para mim, com um sorriso convencido estampado no rosto.

— Vês? Toda a gente conhece os Darling Devils.

Eu não me sentia propriamente confortável a fofocar sobre alguém que não conhecia, mas pelos vistos parecia que os rapazes Darling tinham mais do que merecido a sua má reputação, por isso apenas acenei para a minha prima. Além disso, não tinha tempo para me preocupar com as aventuras de uns quantos jogadores de hóquei degenerados. Tinha problemas maiores neste momento.

— Devia ligar ao Jeremy para ver como correu o jogo dele.

— Mas eu ainda não te contei tudo sobre os Darling Devils.

No primeiro ano, o Reed...

Calei-a com um aceno.

— Podes contar-me mais tarde.

— Oh, vá lá, Violet. — A Mia fez um beicinho. — Não podemos ficar e acabar de ver o jogo?

Soltei um suspiro.

— Fica aqui. Eu vou encontrar um sítio um pouco mais calmo para lhe ligar. Depois venho ter contigo.

— Acho que seria muito mais divertido se ficasses e me deixasses continuar a educar-te sobre jogadores de hóquei giros — disse ela enquanto eu me levantava.

— Exceto que parece que só me estás a ensinar sobre os malucos.

— Malucos e sexy — corrigiu-me antes de se virar e voltar a conversar com a rapariga ao lado. Parecia que tinham ainda muito mais fofocas para partilhar sobre os ditos Darling Devils.

Desci as bancadas e afastei-me do ringue até à barraca de snacks no átrio da entrada. Havia apenas algumas pessoas a vaguear por ali, com toda a gente concentrada no jogo. Tirei o telemóvel do bolso e liguei ao Jeremy. Tocou duas vezes, mas depois passou diretamente para o voicemail.

— Isto não pode ser bom — murmurei, enquanto baixava o telemóvel e começava a escrever-lhe uma mensagem.

Fui sentar-me num dos bancos próximos enquanto tentava decidir o que escrever. Não importava como o formulasse; ele ia ficar desiludido por eu ter perdido o jogo. Continuei a escrever e a reescrever a mensagem, mas não conseguia encontrar uma forma adequada de dizer «Desculpa, sou uma namorada horrível».

Eventualmente, desisti e decidi voltar para junto da Mia. Talvez fosse mais fácil falar com o Jeremy pessoalmente.

Quando voltei a entrar na arena, uma sirene soou, e um estrondoso aplauso sacudiu o edifício. Olhei para o placar e vi que o jogo tinha terminado, e os Devils tinham aniquilado a outra equipa.

A multidão levantou-se dos lugares e começou a sair, a descer em massa pelas bancadas e a dirigir-se para a saída. Fiquei de pé a um canto, à espera de que a Mia passasse, mas não a vi. Só quando o fluxo de pessoas começou a diminuir é que consegui chegar aos lugares. A Mia estava sentada mesmo onde eu a tinha deixado, a babar-se pelos jogadores de hóquei que ainda estavam a sair do gelo.

— Estás a divertir-te? — perguntei.

Ela sorriu, radiante, enquanto se levantava.

— Só estou a aproveitar a minha dose de jogadores de hóquei giros enquanto posso.

Ri-me.

— Nunca te vi a ficar assim a olhar para os jogadores de hóquei da nossa escola.

— Pois, porque passei os últimos anos a ter aulas com aqueles tipos, e sei com toda a certeza que são uns porcos.

— Credo, obrigada.

— Sabes que não me refiro ao Jeremy — disse ela, com um olhar que tornava difícil acreditar nas suas palavras. — Falaste com ele?

— Não. Fui parar ao voicemail.

— Que chatice — respondeu ela. — Bem, ele vai estar na festa hoje à noite. Vens, certo?

— Hum...

— Violet. Por favor, não me digas que estás a pensar ficar em casa num sábado à noite.

— Não ia ficar — disse eu. — Mas a minha mãe disse que talvez conseguisse fazer uma videochamada comigo hoje à noite.



— Violet Sinclair. — A voz da Mia tornou-se séria. — Não te atrevas a ficar em casa esta noite para *falar com a tua mãe*. — Ela franziu o nariz como se fosse sequer um crime considerar isso. No entanto, a sua voz suavizou enquanto ao continuar: — Precisas de viver a tua vida, não de esperar junto ao telemóvel por uma chamada que sabes que não vai acontecer.

Já tinha passado algum tempo desde a última vez que tinha falado com a minha mãe. Devido à diferença horária, a melhor hipótese de a apanhar era à noite já tarde, mas ela parecia ficar sempre presa ao trabalho.

— Talvez desta vez...

A Mia ofereceu-me um sorriso triste.



— Talvez. — Ela estava a acenar com a cabeça, mas eu sabia que estava convencida de que eu ia ficar desiludida quando mais uma noite passasse sem uma chamada da minha mãe. — Então, apenas considera vir. Tenho a certeza de que a tua mãe não se vai importar se remarcarem a chamada para amanhã.

Soltei um suspiro.

— Está bem, vou pensar nisso.

— Boa. — Ela olhou para o telemóvel quando este se iluminou com uma notificação. — É o Grant. Está à minha espera lá fora...

Dirigi-lhe um sorriso cúmplice.

— Não olhes para mim assim — disse ela. — Sabes que somos só amigos.

— Só amigos que gostam de dar boleia um ao outro para festas?

— O que foi? — disse ela, encolhendo os ombros. — Não é como se andássemos a dar boleias um ao outro *nas* festas. E, já que somos *só* amigos, fico mais do que feliz em despachá-lo se houver alguma hipótese de isso te convencer a vir logo à noite...

— Eu disse que ia pensar nisso — gemi.

— E eu sei que isso provavelmente quer dizer que não vens. Não me vou divertir nada sem ti. — Os olhos dela arregalaram-se, e ela começou a pestanejar lentamente. Parecia um cachorrinho sentado aos pés da mesa, a implorar por restos. — Vai haver dança... — Quase cantou as palavras, a fazer o possível para me tentar. Eu não gostava propriamente de festas, mas ela sabia que eu era fraca quando se tratava de uma boa pista de dança.

— Por favor... — A Mia não ia desistir tão facilmente.

— Argh, okay, está bem. Encontramo-nos lá.

— Perfeito. — Ela sorriu para mim inocentemente, como se não tivesse acabado de conseguir o que queria apenas por me ter tentado seduzir com uma pista de dança.

Descemos as bancadas juntas. A arena estava quase vazia, mas, ao passarmos pelo corredor que levava ao átrio, reparei numa certa confusão mais à frente. Era um dos jogadores de Ransom. Ainda estava com o equipamento e permanecia rodeado por um grupo de raparigas. Estava de costas para mim, e consegui ver o seu apelido e número escritos nas costas da camisola. Era o número vinte e três. Reed Darling.

Era alto, com pelo menos um metro e oitenta e cinco. E mesmo com as proteções de hóquei, era óbvio que era bastante musculado. Sem o capacete, podia ver que tinha cabelo escuro e despen-teado. O rosto não me era visível, mas parte de mim estava curiosa para descobrir se ele era tão bonito quanto a Mia dizia. Ela tinha claramente razão quanto à reputação dele com as raparigas. Ele mal tinha saído do gelo e já elas se amontoavam à sua volta.

A forma como riam entre si enquanto ele falava com uma delas fazia-me sentir um pouco enjoada. Ele era exatamente o tipo de rapaz sobre o qual a minha mãe me avisara. A razão de existir a minha regra de «não namorar com desportistas».

— Essas raparigas não parecem muito preocupadas com a má reputação dele — disse à Mia.

Ela bufou em resposta.

— Não sei porque é que estás surpreendida, Vi. Ele é um deus bad boy do hóquei. Pode causar medo à maioria dos rapazes, mas a maioria das raparigas entrega-lhe o coração numa bandeja.

— Bem, de onde estou, parece-me que os jogadores de hóquei de Ransom também são uns porcos.

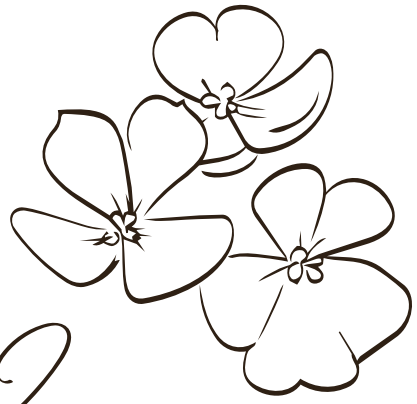
Achei que tinha falado baixinho, mas o Reed Darling virou-se para me encarar, e os seus olhos azul-acinzentados profundos ergueram-se para encontrar os meus. Fiquei um pouco desiludida ao perceber que a Mia tinha razão mais uma vez. Ele *era* lindo, com traços marcantes e aquele tipo de olhar penetrante que parecia atravessar-nos a alma, deixando-nos um pouco sem fôlego. Ninguém devia ser tão perfeito como este rapaz, e reputação à parte, percebia facilmente porque é que as pessoas adoravam falar dele.

Havia julgamento no olhar que me dirigiu, e a sua expressão era severa, a condizer com os ângulos rígidos do seu rosto. A intensidade do seu olhar enviou-me um arrepio pela espinha, e rapidamente desviei o olhar antes de arrastar a Mia para a entrada principal o mais rápido que consegui.

Ela riu-se no instante em que atravessámos a porta.

— Acho que ele te ouviu.

Encolhi os ombros, tentando parecer indiferente a essa possibilidade. Que importância teria se algum rapaz me tivesse ouvido chamá-lo de porco? Ele estava a comportar-se como tal, a namorar com todas aquelas raparigas. Estavam claramente demasiado distraídas com a sua boa aparência para se preocuparem com o facto de ele ser mau à partida. Eu só tinha de esquecer que, por um momento, também tinha ficado um pouco distraída com ele.



## Capítulo 2



### VIOLET

— **P**or favor, Betty, agora não — implorei, enquanto o meu carro soltava um último suspiro rouco e avariado antes de parar na berma da estrada. Como se ainda não tivesse sido suficientemente clara, reforçou o protesto contra a vida com um estrondo alto e bem audível.

— Não, não, não — resmunguei, enquanto tentava voltar a ligar o motor.

Este dia estava a passar de mau a péssimo. O Jeremy continuava sem atender as minhas chamadas, e eu já estava atrasada para a festa porque, estúpida como era, tinha ficado em casa à espera de que a minha mãe ligasse. Como de costume, surgiu qualquer coisa e ela teve de cancelar a nossa chamada. A última coisa de que precisava era que o carro avariasse agora.

Estava escuro e um gelo lá fora, e se o carro se recusasse a pegar outra vez, eu sabia que não aguentaria cinco minutos sem o aquecimento ligado. Não tinha alternativa senão pôr a Betty a funcionar, por isso continuei a tentar convencê-la a dar mais uma oportunidade à vida.

— Prometo que vou ser mais simpática contigo, Betty. Uso aquela cera de que gostas da próxima vez que te lavar. Faça-te

uma boa mudança de óleo e verifico a pressão dos pneus. Ias gostar disso, não ias? Faço o que quiseres. Só... por favor, pega.

A Betty optou por não responder, e o motor continuou a fazer um clique irritante. Sempre fora uma velhota temperamental, mas tinha a sensação de que estava mesmo no fim da linha. A mudança para o Minnesota podia ter sido o golpe final para ela.

Tentei ligar o carro mais umas quantas vezes antes de desistir. Era evidente que a Betty não ia a lado nenhum tão cedo, por isso tentei ligar à Mia. Não atendeu. Tentei também o Jeremy, mas, claro, também não atendeu. Cheguei até a perguntar ao ChatGPT o que devia fazer, mas a IA limitou-se a explicar que havia várias razões para um carro não pegar e aconselhou-me a consultar um mecânico.

Praguejei e saltei do carro para espreitar debaixo do capô. Não era a primeira vez que a Betty me deixava ficar mal, e eu tinha sempre conseguido pô-la a andar de alguma forma. De certeza que não precisava de ir ao mecânico. Estava apenas a ser difícil.

Uma rajada de vento gelado atingiu-me assim que saí do carro, e tive de conter um arrepio. Quem quer que tivesse dado o nome Sunshine Hills àquele sítio devia ter um sentido de humor doentio. Além de haver só uma colina, eu já começava a esquecer-me de como era o sol.

Soprei para as mãos geladas e comecei a saltar no mesmo sítio para tentar aquecer-me enquanto encarava o motor da Betty. Não sabia bem porque achava que aquilo ia ajudar, já que não percebia absolutamente nada de carros. Mas estava desesperada. Não estava longe da festa, mas não queria deixar a Betty aqui fora, ao frio.

Ponderei ligar ao meu tio para pedir ajuda, mas depressa descartei a ideia. Ele achava que eu e a Mia íamos encontrar-nos com uns amigos para ver um filme esta noite. E aqui estava eu, nos arredores da cidade, o mais longe possível de uma sala de cinema.



Ele ia entrar em pânico se soubesse que eu e a Mia íamos, afinal, a uma festa sem qualquer supervisão parental. E se lhe ligasse a pedir ajuda, o meu tio ia descobrir a verdade e ambas ficaríamos de castigo o resto do ano. O Luke estava a levar demasiado a sério o papel de meu tutor temporário. Não havia razão para se preocupar. Não era como se a minha mãe se importasse.

Liguei a lanterna do telemóvel e apontei-a para o motor do carro. A luz pouco ajudou. Não via nada a fumegar ou a chiar, e não havia pedaços óbvios de metal pendurados em ângulos estranhos. O motor parecia exatamente como eu imaginava que um motor devia ser, e a doença misteriosa da Betty continuava tão inexplicável como até aqui.

— Merda. Merda. Merda. — Fechei o capô da Betty com força. — Achei que éramos amigas — gritei-lhe. — Como é que me pudeste fazer isto?

Para garantir que ela percebia bem a minha desilusão, pontapeei-lhe uma das rodas. Voltei a praguejar quando o meu pé embateu no pneu e os dedos bateram na biqueira da bota. Afastei-me aos saltos, num só pé, mas acabei por escorregar no gelo. O ar fugiu-me dos pulmões quando as pernas me falharam, e aterrei desajeitadamente no chão à beira da estrada, levantando neve à minha volta.

Por sorte, a espessa camada de neve que cobria o passeio amorteceu um pouco a queda. Não me mexi logo para me levantar. Em vez disso, fiquei a olhar para o céu escuro e carregado de nuvens por cima de mim e comecei-me a rir. Este dia não podia ficar pior. Nem sequer queria ir à festa, e agora teria sorte se algum dia me deixassem sair de casa outra vez.

— Estás bem?

Um rosto surgiu por cima de mim, bloqueando-me a vista do céu. Estava enganada. Afinal, a minha noite ainda podia piorar. Porque parecia que o rapaz mais bonito que alguma vez tinha

visto acabara de me ver a gritar com o meu carro, dar-lhe um pontapé e ainda a minha queda na neve. Ele observava-me como se achasse que eu tinha perdido o juízo. E talvez tivesse razão. Definitivamente, eu não andava muito longe disso.

A testa dele enrugou-se enquanto esperava por uma resposta, e então percebi que reconhecia aquela testa. Reconhecia aqueles olhos.

Reed Darling estava de pé à minha frente, e desejei, com todas as forças, que a neve onde tinha caído me engolisse totalmente.

Apesar de me ter ouvido chamá-lo de porco apenas algumas horas antes, a sua expressão não se iluminou nem mostrou qualquer sinal de reconhecimento. Ele não se lembrava de mim. Não era propriamente surpreendente. Rapazes como ele não reparavam em raparigas como eu. E eu estava na boa com isso.

— Então? — Ele inclinou a cabeça ligeiramente, enquanto procurava uma resposta nos meus olhos. Provavelmente, estava preocupado com a possibilidade de eu ter batido com a cabeça com demasiada força. Talvez tivesse mesmo. Não me sentia propriamente lúcida naquele momento. Tudo aquilo parecia um pesadelo.

— Eu estou bem — disse, levantando-me o mais depressa que consegui. Pela forma como a cabeça começou a andar à roda, suspeitei que tivesse sido demasiado rápida.

— Tens a certeza? — insistiu o Reed. — É que acabei de te ver a gritar com o carro e a dar-lhe um pontapé...

— Sim, bem, ela estava a pedi-las — murmurei.

O estômago deu um salto quando levantei a cabeça para olhar para ele. À distância, o Reed já parecia imponente, mas de perto era avassalador. Sempre me perguntei o que é que davam de comer às crianças por aqui, porque havia muitos tipos grandes em Sunshine Hills. De alguma forma, o Reed conseguia fazer os outros parecerem franzinos. Se eu não soubesse que ele tinha a minha idade, teria jurado que andava pelo menos na faculdade.

Também havia algo de intenso na forma como se comportava. Uma espécie de autoconfiança arrogante que apenas se encontrava em pessoas habituadas a conseguir sempre o que queriam.

Esforcei-me por manter a expressão o mais neutra possível enquanto o olhava nos olhos. Basicamente, era a minha reação habitual sempre que deparava com alguém tão bonito. Fazia-me parecer tão desinteressada que as pessoas ou achavam que me faltavam alguns neurónios ou que eu as detestava. E o Reed era tão atraente que eu devia estar a olhar para ele como se fosse o mal encarnado. Se os rumores que a Mia tinha partilhado comigo fossem minimamente verdadeiros, talvez até fosse.

Provavelmente, devia ter recuado devagar. Estava sozinha numa rua escura, com o carro avariado. Não era propriamente o melhor momento para dar de caras com um rapaz que claramente tinha alguns problemas de raiva. Até conseguia ver-lhe a cicatriz no pescoço que a Mia mencionara ter sido ganha numa luta. Ainda assim, não mexi um músculo e fiquei surpreendida por perceber que não me sentia assim tão nervosa perto dele.

— Posso perguntar porque é que ela estava a pedi-las, exatamente? — perguntou ele, esboçando um sorriso enviesado e cruzando os braços sobre o peito largo.

Observei-o de cima a baixo. Ele tinha suor que lhe brilhava na testa, e as faces estavam coradas. Usava roupa de treino e respirava com algum esforço, por isso presumi que estivesse a correr quando assistiu à minha gloriosa queda no passeio. Reputação e rumores à parte, havia claramente algo de errado nele. Ninguém que fosse minimamente normal ia correr voluntariamente depois de um jogo de hóquei tão intenso. Porque é que ele ainda estava ali a falar comigo? Eu já me tinha levantado e estava bem. Talvez tivesse um sentido de curiosidade um pouco mórbido.

— Porque é que ela estava a pedi-las? — Soltei uma gargalhada curta, um pouco histérica até, que deve tê-lo feito arrepender-se



de ter perguntado. — Porque estou a ter um dia péssimo e ela falhou-me no momento em que mais precisava dela. — Devia ter ficado por ali, mas as palavras continuaram a sair disparadas da minha boca. — Estava a pedi-las porque o meu namorado, a minha mãe e a minha prima não atendem as minhas chamadas. E não posso ligar ao meu tio porque, supostamente, não devia estar aqui esta noite. Caramba, eu nem sequer devia estar neste sítio gelado e miserável, para começar. Mas aqui estou eu, sozinha, encalhada à beira da estrada, encalhada no meu último ano do secundário. Simplesmente encalhada, e não há ninguém aqui a quem possa recorrer. Por isso, sim, dei um pontapé no meu querido carro velho, e se ela alguma vez voltar a pegar, vou pedir-lhe desculpa de joelhos. Mas até lá, do meu ponto de vista, ela estava mesmo a pedi-las.

Respirei fundo ao terminar o meu desabafo. As frustrações tinham fervido dentro de mim até transbordarem, mas não era só por causa desta noite. Um colapso como este andava a formar-se desde o momento em que a minha mãe me deixou aqui e se foi embora.

Eu apenas não esperava que acontecesse num monte de neve, em frente ao jogador de hóquei mais famoso do estado.

— Eu estou aqui — disse ele, apanhando-me completamente de surpresa.

— O quê?

— Disseste que não tinhas ninguém a quem recorrer. — Encolheu os ombros, abriu ligeiramente os braços e olhou para si próprio, de cima a baixo. — Bem, eu estou aqui.

Franzi o sobrolho, sem perceber porque é que ele ainda aqui *estava*. Apanhara-me a maltratar o carro e depois assistira enquanto eu despejava toda a minha bagagem emocional no ar gelado da noite. Já para não falar de que ainda sentia neve agarrada ao meu cabelo todo desganhado, por isso devia parecer tão

desequilibrada quanto soava. Ainda assim, ele estava aqui. E sorria como se eu o estivesse a divertir, não a preocupar.

— E, sorte a tua que estou — continuou. — Acho que posso ajudar.

— Podes ajudar?

— Sim, com o carro. Conheço um tipo.

— Conheces um tipo — repeti, tentando manter a desconfiança subtil na minha voz.

— Bem, vivo com um tipo. O meu pai tem uma oficina. Está fechada aos sábados à noite, a não ser que seja uma emergência, mas posso ligar-lhe e pedir-lhe para mandar rebocar o teu carro para a oficina.

Abanei a cabeça. Quais eram as probabilidades de o meu carro avariar precisamente quando um rapaz cujo pai tinha uma oficina passava a correr por ali? Uma parte de mim sentiu que, finalmente, o azar que tinha vindo a ter ao longo do dia estava a começar a inverter-se. Mas depois lembrei-me dos avisos da Mia sobre este tipo e perguntei-me se, afinal, o pior ainda estava para vir.

— Hum, não é preciso — gaguejei. — Já interrompi a tua corrida. Não quero incomodar-te mais. Tenho a certeza de que consigo encontrar alguém no Google.

— Não a um sábado à noite em Sunshine Hills — respondeu, rindo-se baixinho. — Só há uma oficina aqui perto: a do meu pai.

O meu sobrolho franziu-se ainda mais enquanto alternava o olhar entre o Reed e o meu telemóvel. Não tinha a certeza se devia acreditar nele. Mas que razão ele teria para mentir?

— Não confias em mim, pois não? — perguntou.

— Quero dizer... és só um tipo qualquer que conheci à beira da estrada, e a minha mãe incutiu-me muito bem essa coisa do não-falar-com-estranhos quando eu era criança. — Mas, para ser honesta, a minha mãe provavelmente até preferia que eu

estivesse a falar com um estranho esquisito do que com um desportista de má reputação.

— Bem, já estás a falar com *um tipo qualquer* há algum tempo — retorquiu ele. — Talvez o teu sentido de perigo relativamente a estranhos não esteja assim tão bem incutido quanto pensas.

— Ou então o meu carro de fuga está avariado... — disse, acenando na direção da Betty.

— Pois. — Ele soltou uma gargalhada curta e leve. — Bem, eu sou o Reed Darling. Agora o estranho tem nome.

— Ainda assim podes ser perigoso, Reed Darling.

— Prometo que não sou um perigo para ti.

Aquilo não queria dizer que ele não fosse perigoso de todo. Pelo menos, a Mia pensava que era. Continuei à espera que o meu instinto de autopreservação entrasse em ação. Que aquele sexto sentido desse um alerta qualquer e me dissesse para me afastar daquele tipo. Aparentemente, o meu estava avariado. Desde que começáramos a falar, não me senti ameaçada uma única vez.

— Então, deixas-me ajudar-te? — perguntou.

Hesitei. Precisava da ajuda, mas não sabia se a queria vinda de um atleta convencido que, alegadamente, tinha acabado de sair de um reformatório. Tanto quanto sabia, ele podia muito bem roubar-me carro e desmontá-lo para peças. E quem queria eu enganar? Mesmo que eu pagasse, ninguém quereria ficar com a Betty.

Demorei uma fração de segundo a mais, e o Reed aproveitou a oportunidade para tirar o telemóvel do bolso e levá-lo ao ouvido.

— Eu ainda não concordei, sabes...

Mas ele levantou um dedo, pedindo-me que esperasse, enquanto escutava o toque de chamada. Tal como suspeitava, não era alguém que aceitasse um não como resposta. A forma como ignorou o meu protesto teria sido suficiente para me irritar, se eu

não estivesse tão gelada e se o meu carro não estivesse tão completamente morto.

— Olá, pai — disse o Reed. A voz suavizou-se um pouco, e a sua expressão deixou de ser tão rígida. — Eu sei que é sábado à noite, mas o carro de uma amiga avariou. Achas que consegues levá-lo para a oficina? — Fez uma pausa, esperando pela resposta. — Não te preocupes, tenho a certeza de que ela nem vai dar por isso. — Fez outra pausa. — Okay, ótimo. — Depois deu a morada ao pai, desligou e virou-se para mim. — Ele já vem a caminho. Pode deixar o carro na oficina, mas só vai conseguir ver o que se passa na segunda-feira. Está bem assim?

— Sim. — Soltei um longo suspiro, e toda a tensão que tinha acumulada desvaneceu-se. Agora que o Reed tinha ligado ao pai, percebi quão absurda tinha sido sequer a ideia de recusar a ajuda. O Reed Darling podia ser perigoso, mas, ao que tudo indicava, não era assim tão mau. — Obrigada.

— Não é preciso agradecer. Foi só uma chamada.

Tinha sido muito mais do que uma mera chamada. Estivera a segundos de desistir e ligar ao Luke para pedir ajuda. A Mia nunca me deixaria esquecer se eu nos tivesse metido em sarilhos. Ela é que também devia agradecer ao Reed.

— Ah, e o meu pai mandou-me pedir-te para não o julgares — acrescentou ele.

— Porque haveria de o julgar?

— Vais perceber. — Os olhos do Reed enrugaram-se nos cantos, como se estivesse a tentar conter uma gargalhada. — Não cheguei a apanhar o teu nome...

— Porque eu não to disse. Aparentemente, sou a única aqui preocupada com a história dos estranhos perigosos.

Ele riu-se. Era uma gargalhada profunda e agradável, e fez-me questionar como alguém capaz de emitir um som tão reconfortante podia ser tão mau quanto a Mia o descrevera.

— Tens razão — disse ele. — Então...

— Violet — respondi. — Mas os meus amigos chamam-me Vi.

— Sou teu amigo, Violet?

Engoli em seco, embora a voz dele soasse amigável. Ele estava a olhar para mim com tanta intensidade que tive dificuldade em sustentar-lhe o olhar.

— Bem... se não estiveres a gozar comigo com a história do reboque, acho que podemos ser amigos.

— É bom saber.

Enquanto ficávamos ali à espera, perguntei-me como é que ele não estava a morrer de frio. A roupa desportiva moldava-se ao seu corpo firme e, mesmo tendo estado a correr, ele devia estar a sentir o ar gelado. O que é que ele estava sequer a fazer na rua? Devia estar exausto depois do jogo que tinha jogado antes.

Antes que reunir coragem para lhe perguntar, foi ele quem me fez a pergunta:

— Então, o que estavas a fazer aqui sozinha?

— Ia a caminho de uma festa. E tu? Costumas ir correr com este frio todo aos sábados à noite?

— Só quando o meu radar de donzela em perigo dispara.

— Ah, e isso faz de ti o Príncipe Encantado?

— Desculpa, princesa, mas eu definitivamente não sou príncipe nenhum.

O Reed lançou-me um sorriso travesso, que quase devolvi por instinto. Consegui resistir e limitei-me a revirar os olhos. Quase parecia que se estava a meter comigo, mas, por outro lado, era provável que ele o fizesse com todas as raparigas que encontrava encalhadas à beira da estrada.

— Sabes, se eu fosse teu namorado, atendia as tuas chamadas e dava-te boleia para as festas.

Desta vez, não senti vontade nenhuma de lhe sorrir. Em vez disso, senti as faces a corarem ao lembrar-me de como tinha

descarregado nele todos os meus problemas pessoais minutos antes. Não queria aprofundar mais o assunto de o meu namorado parecer estar a evitar as minhas chamadas. Ainda não tinha tido notícias do Jeremy desde que tinha faltado ao jogo dele, e estava a fazer o possível para ignorar esse facto deprimente.

— Sou capaz de me levar aonde preciso.

O Reed esboçou outro sorriso enviesado ao olhar para o meu carro avariado e para o buraco na neve em forma de Violet atrás de mim.

— Tens a certeza? — Ele aproximou-se um pouco, e uns faróis surgiram mais à frente. — Porque parece que o teu carro tinha outros planos.

Nem tive tempo de responder quando o reboque finalmente chegou. O motorista saltou do carro, e tive de conter uma gargalhada quando o vi: estava vestido com um enorme fato de lagosta.

Era um tipo grande, tal como o filho, com os mesmos olhos azul-escuro e cabelo escuro, embora o dele estivesse salpicado de grisalhos. Quando viu o sorriso nos meus lábios, a expressão dele ficou mais séria.

— Pensei que ias dizer-lhe para não se rir, Reed.

O Reed também não conseguia conter o sorriso.

— Ela está a rir-se de uma piada que eu contei, pai. Não da tua gloriosa lagosta.

— Tu, a fazer piadas? Haja uma primeira vez para tudo. — O pai dele resmungou qualquer coisa antes de se aproximar de mim. — Eu sou o Danny — disse, estendendo a mão.

— Violet — respondi. — Desculpe por o ter arrastado para aqui a um sábado à noite.

— A oficina fica a caminho da minha festa — disse ele. — E não faz mal nenhum. Só não vou conseguir ver o teu carro antes de segunda-feira.

— O Reed já me disse. E não há problema nenhum.

— Okay, então vamos prendê-lo ao reboque. E é bom que reze-  
mos para que eu não estrague o fato, senão a mãe do Reed  
mata-me.

Assim que a Betty ficou bem presa ao reboque, o Danny  
ofereceu-se para me levar a casa. Foi incrivelmente simpático da  
parte dele, tendo em conta tudo o que já tinha feito, mas eu ainda  
não estava pronta para enfrentar o meu tio. Além disso, ainda es-  
perava ver o Jeremy na festa para finalmente falar com ele, e sa-  
bia que podia voltar com a Mia.

— Obrigada, mas vou para casa de uma amiga aqui perto —  
disse. — Posso ir sozinha.

— Eu acompanho-te — disse o Reed com tanta confiança que  
eu não soube como dizer que não. Ainda estava surpreendida  
por ele ter ficado tanto tempo e não ter pensado em ir-se embo-  
ra assim que o pai dele partisse. E ainda se oferecera para me  
acompanhar à festa? Ele podia não ser príncipe nenhum, mas,  
aparentemente, podia ser um pouco charmoso quando queria.  
A não ser, claro, que tivesse algum motivo oculto.

— Bem, vou deixar-vos ir, miúdos — disse o Danny antes de  
me entregar o seu cartão de visita. — Vem à oficina na segunda-  
feira e eu digo-te o que se passa aqui com a velha Betty.

— Obrigada. — Ofereci-lhe um sorriso. — Precisa que eu pa-  
gue agora pelo reboque?

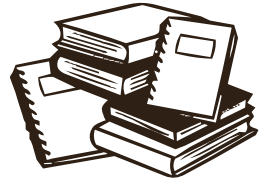
Ele abanou a mão, descartando o assunto.

— Não te preocupes. O primeiro reboque é grátis para um dos  
amigos do Reed. — Antes de se dirigir para a frente do camião e  
se espremer na cabina, onde mal cabia devido ao enorme fato de  
lagosta vermelho, ele piscou-me o olho, e eu dei por mim a corar.

— O teu pai foi mesmo simpático — disse ao Reed enquanto  
o víamos partir. — E tu também.

— É uma sorte sermos amigos — respondeu ele.

— Parece que sim — concordei com um sorriso.



— Então, para onde vamos?

Dei-lhe a morada e acrescentei:

— Não precisavas mesmo de ir comigo.

— Não é longe — respondeu ele. — E fica-me a caminho.

Ele fez um gesto com a mão, indicando para eu seguir à frente, mas caminhamos lado a lado para a festa.

Tinha a certeza de que ele devia ter coisas melhores para fazer sábado à noite, mas ainda assim fiquei agradecida pela sua companhia.

Não sabia o que teria feito se ele não tivesse aparecido quando apareceu, e estava incrivelmente grata por ter ligado ao pai para ajudar.

— Então, estudas na Preparatória Sunshine Hills? — perguntou ele.

Franzi o sobrolho enquanto me perguntava como é que ele sabia isso. O Reed devia ter reparado na minha expressão confusa, porque rapidamente explicou:

— Disseste que estás no último ano, e eu nunca te vi na minha escola.

— Ah. — Assenti. — Sim, ando na Sunshine.

Dada a idade e a saúde decadente do meu carro, ele provavelmente estaria a perguntar-se como era possível eu estudar numa escola tão cara e prestigiada. A Betty definitivamente parecia deslocada no parque da Preparatória Sunshine. Eu era certamente a única miúda ali a conduzir um carro mais velho do que todos os outros. A única razão pela qual podia estudar naquela escola era porque o meu tio era professor lá, e as minhas propinas tinham um grande desconto. De outro modo, a minha mãe nunca poderia pagar.

O Reed, no entanto, não questionou o meu carro.

— Ando na Ransom High — disse ele. Observava-me atentamente, como se esperasse que eu o julgasse por isso. Eu não

crescera aqui, por isso não partilhava do mesmo preconceito contra a Ransom que a maioria dos meus colegas.

— Eu sei. — Assenti para o logótipo dos Devils que se destacava no seu top.

Ele olhou para o peito e franziu a testa.

— Estou surpreendido por ainda estares a falar comigo, então.

— Porquê?

— As pessoas de Sunshine Hills e Ransom não costumam dar-se bem.

— Bem, eu não sou de Sunshine Hills nem de Ransom.

Ele olhou para mim com um brilho de divertimento nos olhos.

— Sim... não pensei que fosses.

— Como é que adivinhaste?

Ele riu-se.

— Deve ter algo que ver com o facto de estares a usar umas dez camadas de roupa e ainda assim estares a tremer.

— Quem me dera estar a usar dez camadas — murmurei.

— Então, de onde és? — continuou. — E como é que acabaste neste sítio gelado e miserável?

Encolhi-me quando ele tornou a referir-se ao meu discurso delirante.

— Sou da Califórnia. A minha mãe largou-me aqui este ano para viver com o meu tio. Ele dá aulas na Preparatória Sunshine.

— Largou-te?

— Sim. — Suspirei. — Ofereceram-lhe o trabalho dos seus sonhos em Londres e ela não podia recusar. Por isso aqui estou eu.

— Presa — disse ele, com a voz baixa, quase a falar consigo próprio, mas depois olhou para mim. — Lamento, isso é uma porcaria.

— Está tudo bem — respondi. — Entendo porque teve de ir. Mais ou menos.

Não sabia bem porque raio estava a partilhar tudo isto com o Reed. Um rapaz que acabara de conhecer e que, à primeira vista, parecia exatamente o tipo de pessoa que eu fazia questão de evitar.

Antes que pudesse pensar demais sobre a minha incerteza, ouvi música a chegar até nós vinda de mais adiante e percebi que estávamos quase a chegar à festa. À medida que nos aproximávamos, vi pessoas a circular pelo quintal da frente, apesar do frio, e a festa parecia estar no seu auge. Algumas pessoas lançavam olhares curiosos na nossa direção enquanto chegávamos ao portão, mas estava escuro o suficiente para que provavelmente não nos distinguíssem com clareza.

— Fico aqui — disse. — Obrigada outra vez por esta noite. Realmente foste a minha salvação.

— Como disse, o meu radar de donzela em apuros estava a disparar.

Hesitei, porque ainda não estava pronta para me despedir do Reed. A Mia tinha feito parecer tudo tão simples: O Reed Darling era sinónimo de problemas. No entanto, depois do nosso breve, embora atribulado, encontro, senti que ele podia ser um pouco mais complicado do que isso. Era como um bom puzzle, e eu não queria deixá-lo de lado antes de o compreender.

— Queres entrar? — perguntei. — Eu sei que é uma festa de Sunshine, mas a rapariga que a organiza é muito simpática. Tenho a certeza de que não se ia importar...

O Reed sorriu suavemente e abanou a cabeça devagar.

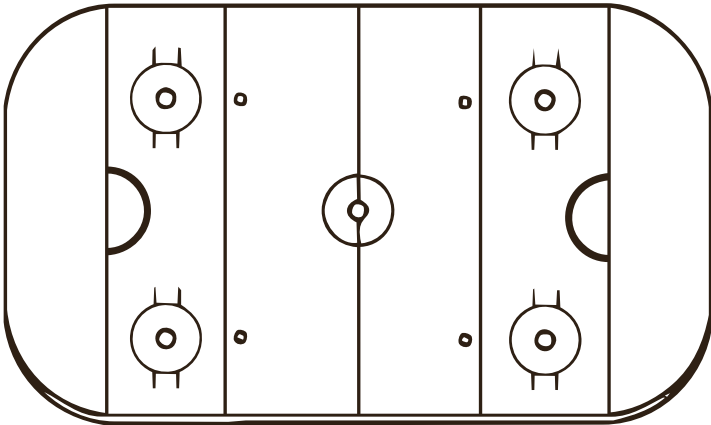
— Não sei se isso é uma boa ideia. Além disso, ainda estou de fato de treino.

Foi difícil não me sentir desiludida. Ainda para mais quando ele se inclinou para mim e sussurrou ao meu ouvido:

— Mas diverte-te esta noite, Sunshine. Espero ter-te provado que nem todos os jogadores de hóquei são uns porcos.

Arregalei os olhos quando percebi que, afinal, ele lembrava-se de mim. Apanhei o mais breve aroma do seu perfume e, num instante, ele já tinha desaparecido, a correr pela estrada, perdendo-se na noite. Fiquei simplesmente ali, em estado de choque, a olhar na direção dele. Podia haver rumores a circular sobre o Reed Darling, mas, apesar de tudo o que tinha ouvido, não parecia fazer jus à sua infame reputação.

Pelo menos, ainda não.



# A brincar com o gelo também te podes queimar...



Depois de o capitão da equipa de hóquei lhe partir o coração, **VIOLET** jura nunca mais voltar a apaixonar-se por um desportista. Mas para provar ao ex que seguiu em frente, vai ter de recorrer ao seu maior rival, **REED**.

Reed é lindo, misterioso e intimidante, dentro e fora do gelo. Quem melhor para ser o seu namorado falso e afastar de vez o ex?

Enquanto Violet faz de tudo para não quebrar a sua **ÚNICA REGRA**, Reed decide provar-lhe que há muito mais nele do que a sua fama de **BAD BOY**.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)  
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)  
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-5960-88-0



9 789895 960880

